As novas tendências no mercado de agroquímicos

DA REDAÇÃO

A biotecnologia reserva grandes mudanças para o controle de pragas e doenças na agricultura, com a perspectiva de redução do uso de agrotóxicos. Mais: por meio da transgenia, será possível desenvolver alimentos com mais vitaminas e proteínas, além de vacinas.

É o que diz o engenheiro agrônomo Cristiano Walter Simon, presidente da Andef (Associação Nacional de Defesa Vegetal). Para Simon, porém, as plantas transgênicas não devem abolir o uso de agroquímicos nas lavouras.



"Vai ocorrer sim a substituição de alguns produtos por sementes resistentes a certas pragas e doenças. Mas os agroquímicos não vão desaparecer. As tecnologias de controle biológico, os transgênicos e o controle químico vão funcionar de forma integrada na agricultura", explica.

Em entrevista à *Agroanalysis*, o presidente da Andef apontou as tendências do setor e alguns obstáculos enfrentados hoje pela indústria, como o contrabando de produtos e a burocracia para se obter registros destinados a experimentos, pesquisas e exportação.

Agroanalysis - *Como foi o ano para os agroquímicos?*

Cristiano Walter Simon - Foi um ano positivo para os negócios. Na esteira do sucesso do agronegócio, o segmento foi um dos primeiros a sentir a reação do mercado. O agricultor estava razoavelmente capitalizado e a safra foi excelente. Prova disso é que chegamos a ter problemas no suprimento de produtos, porque os estoques não previam a forte demanda. Isto ocorreu principalmente com a soja, em relação a produtos que controlam a ferrugem. Trata-se de uma doença que vem se agravando ano a ano. Não havia produtos registrados em quantidade suficiente para atender ao agricultor, o que infelizmente causou uma queda da produção de soja em algumas regiões. Embora o ano tenha sido bom, é preciso levar em conta que os estoques na revenda estavam elevados. Naturalmente, houve uma desova desses estoques, que não representaram dinheiro novo para a indústria. Para efeito de análise, portanto, é mais adequado considerar a média de vendas do período 2002/2003, que gira em torno de US$ 2,3 bilhões.

Agroanalysis - *Quais foram os produtos que apresentaram maior retorno este ano nas vendas de agroquímicos?*

Simon - A soja, o algodão, a citricultura e a fruticultura. Hoje, os agricultores estão utilizando mais tecnologia nas lavouras. Há programas de manejo integrado bem estabelecidos, como na cana-de-açúcar, na soja com o plantio direto, no algodão e na fruticultura, com a PIF, a produção integrada que gera forte redução de agroquímicos. Há uma utilização mais racional dos produtos, ao contrário do que ocorria antigamente, quando havia excesso do uso de agroquímicos na lavoura. Este excesso desencorajava o agricultor, que tinha uma despesa que não incrementava a sua produção e a lucratividade. Atualmente, o produto fitossanitário é utilizado com muito mais critério, porque é um produto mais caro. O perfil dos agroquímicos mudou muito. Antigamente, você aplicava um a dois litros por hectare, e hoje o agricultor usa 20 gramas a 30 gramas, dependendo do produto. A consciência do agricultor para o manejo desse produto é maior.

Agroanalysis - *O consumo de agroquímicos caiu, mas a rentabilidade da indús-*

Quando se introduz uma nova tecnologia como a dos transgêcnicos, é preciso muita comunicação

tria não. Por quê?

Simon - A rentabilidade não caiu por causa da modernização. Ela é tão violenta que entre 2001 e 2002 foram registrados no Brasil 24 produtos oriundos de novas moléculas. Ou seja, novas tecnologias. Nesse mesmo período houve o registro de apenas cinco produtos genéricos. O incremento das novas tecnologias no setor de agroquímicos é impressionante, o que traz uma série de vantagens: o ambiente é menos agredido, porque a quantidade de produto aplicada é pequena. Além disso, os novos produtos têm como característica uma degradação muito rápida no ambiente. E são mais eficazes contra as pragas. E mais seletivos também, preservando os inimigos naturais e deixando menos resíduos nos alimentos.

Agroanalysis - *Esses novos produtos são mais caros também. O agricultor brasileiro está preparado para utilizá-los sem desperdício?*

Simon - Daí a necessidade de um bom treinamento em tecnologia de aplicação, que é uma das coisas que a Andef promove com frequência. Temos uma equipe na Andef que organiza treinamento de agricultores juntamente com o Senar. Temos hoje 22 convênios estaduais e estamos trabalhando também no credenciamento de aplicadores.

Agroanalysis - *O ideal não seria que o tratamento fitossanitário fosse tercerizado. Um serviço prestado ao agricultor por empresas especializadas?*

Simon - Já existem empresas especializadas no Brasil, conduzidas por agrônomos. Esse tipo de serviço traz redução de custos para o agricultor, que precisa de menos capital de giro e menos ativos imobilizados. A evolução na área de aplicação é grande. Hoje, você precisa controlar em milímetros cada gota de agroquímico aplicada no campo, de forma a não desperdiçar produto.

Agroanalysis - *Qual é a tendência da indústria de agroquímicos? De um lado, se reduz as aplicações de agroquímicos nas lavouras. Ao mesmo tempo, a biotecnologia traz novos produtos como as plantas transgênicas.*

Simon - Vai ocorrer a substituição de alguns produtos agroquímicos por sementes resistentes a pragas e doenças. Os transgênicos bt devem substituir alguns inseticidas. Existe uma tendência de redução de uso de herbicidas, com a introdução da soja transgênica. Além disso, há outras culturas em que o uso de agroquímicos deve diminuir sem dúvida nenhuma. As tecnologias de controle biológico, os transgênicos e o controle químico vão funcionar concomitantemente, de forma integrada. A indústria de agroquímicos está envolvida na pesquisa e desenvolvimento das plantas transgênicas. Das 12 empresas associadas da Andef, seis trabalham com transgênicos. Mas seja com os produtos convencionais, seja com os transgênicos, o mercado de agroquímicos no país deve manter um ritmo de crescimento. O Brasil tem um grande potencial de crescimento na agricultura. Temos entre 40 e 50 milhões de hectares ainda disponíveis para a agricultura, e pelo menos 20 milhões de hectares hoje ocupados com pastagens serão transformados em lavouras. Portanto, existe um bom mercado para a indústria de insumos agrícolas. Com relação aos transgênicos, há muita notícia boa pela frente. A primeira geração apresentou produtos que controlam pragas e plantas daninhas. Vamos ter ainda alimentos com mais vitaminas ou proteínas. Mais: no futuro serão desenvolvidas plantas transgênicas com características de vacina. Em vez de uma criança tomar uma injeção, ela pode se imunizar contra uma determinada doença simplesmente ingerindo uma fruta.

Agroanalysis - *Por quê o plantio de transgênicos ainda não foi liberado no Brasil?*

Simon - Houve uma confusão grande na área legislativa e, infelizmente, o plantio de transgênico foi introduzido no país pelo contrabando, como ocorreu no Rio Grande do Sul. Tudo isso acabou prejudicando a legalização dos transgênicos. No momento em que se deparou com uma situação de irregularidade, o governo tentou remediar por meio de medidas provisórias. Outra coisa: a tecnologia foi lançada no Brasil com apenas um produto de um fabricante. Uma empresa sozinha começou a explorar este terreno. Naturalmente, um produto não resolve todos os problemas, o que tornou mais difícil justificar e defender essa tecnologia.

Agroanalysis - *O que talvez tenha dificultado mais ainda é o fato desse produto, a soja transgênica, beneficiar diretamente apenas os agricultores e a própria indústria.*

Simon - Exatamente. No caso, o consumidor ficou se perguntando: e eu? que vantagem eu levo? Eu tenho vantagem ou só corro o risco?

Agroanalysis - *A mídia jogou contra os transgênicos?*

Simon - A mídia não colaborou para confundir mais, mas também não se preocupou em esclarecer. E também houve uma omissão da própria comunidade científica. A mídia costuma levar em conta a opinião dos cientistas. Mas a comunidade científica não percebeu a importância que ela teria neste processo. Ou não foi acionada no momento certo. Nesta área de produtos fitossanitários, nós sempre trabalhamos em conjunto com a comunidade científica. Tivemos alguns obstáculos, cometemos alguns erros, mas sempre procuramos ouvir a opinião dos cientistas. E com a mídia também. A Andef sempre foi aberta à imprensa e nunca se furtou ao diálogo. Quando você introduz uma nova tecnologia como a dos transgênicos é preciso muita comunicação. Neste caso, a mídia não foi esclarecida. E os formadores de opinião também não. Os professores universitários, os médicos, os empresári-

os, os donos de supermercados, os nutricionistas e até os feirantes não sabiam o que era uma planta transgênica ou engenharia genética. Ou seja: não foi feito um trabalho prévio de esclarecimento.

Agroanalysis - *Agora até a palavra transgênico ficou marcada. Ganhou uma conotação negativa.*

Simon - A palavra não incomoda tanto quando você faz as coisas bem feitas e eu vou citar um exemplo que você conhece bem. Quando resolveram batizar os nossos produtos de agrotóxicos, houve uma reação negativa por parte da própria indústria e dos agricultores. E nós, da Andef, resolvemos não nos preocupar com a nomenclatura. Nós nos preocupamos sim em trabalhar direito. Hoje o nome agrotóxico está consagrado, está na Constituição e nas leis, e nós o adotamos por força da legislação. Eu acho que o nome não condiz com a natureza do produto, porque grande parte das moléculas hoje é extremamente segura. Existem coisas mais tóxicas do que o chamado agrotóxico. O nome mais correto, a meu ver, é produto fitossanitário, termo aliás adotado mundialmente.

Agroanalysis - *Tem muita gente que usa a denominação agroquímico ou defensivo agrícola. E alguns agricultores, tempos atrás, se referiam ao produto como veneno.*

Simon - E ainda chamam. Os pequenos sitiantes ou os jardineiros, quando se deparam com pulgão nas flores, dizem que vão aplicar veneno. Outros agricultores chamam o agroquímico de remédio.

Agroanalysis - *Como a indústria de agroquímicos vê o crescimento do mercado de alimentos orgânicos ?*

Simon - Como um nicho importante. Existem alguns produtos orgânicos que aceitam o uso de agroquímicos em pequenas quantidades. E também há outras classificações de orgânicos, onde não se permite o uso de produtos químicos. O que falta a esse mercado é uma normatização mais clara. Via de regra, o alimento orgânico tem um custo mais elevado de produção. Mas, eu pergunto, será que o produto orgânico é realmente isento de produtos químicos? Será que se justifica pagar o dobro por um capricho? Qual é a vantagem que o consumidor leva nisso?

Acho que o nome agrotóxico não condiz com a natureza do produto, porque grande parte das moléculas hoje é extremamente segura

Agroanalysis - *A longo prazo pode acontecer uma substituição completa dos agroquímicos pelo uso das sementes transgênicas?*

Simon - Não, nunca haverá uma substituição completa. Por exemplo: utilizando-se o algodão bt é possível controlar algumas pragas da cultura, mas não todas. No caso da soja transgênica, ela não resolve o problema das pragas, como a lagarta, ou de doenças como a ferrugem.

Agroanalysis - *Quais os problemas que o setor enfrenta hoje ?*

Simon - Um dos problemas que temos é o contrabando de agroquímicos, principalmente do Paraguai e da Bolívia. É um problema sério. Nós estamos alertando os agricultores e as autoridades sobre os riscos deste contrabando. Fala-se em US$ 50 a US$ 100 milhões por ano de contrabando. O pior é a consequência disto. Se o agricultor compra um produto de má qualidade e sem registro, pode contaminar não apenas o ambiente, mas os alimentos, além de causar intoxicação em trabalhadores rurais e colocar em risco os negócios do Brasil no exterior. E se a fiscalização pegar o agricultor utilizando produto contrabandeado, ele pode ter a sua lavoura confiscada. Outro problema grave que a indústria enfrenta é o roubo de carga. Há obstáculos para a inovação tecnológica, no que diz respeito a obtenção de registros para experimentação e pesquisa, devido à falta de eficiência dos órgãos responsáveis nos ministérios da Agricultura, da Saúde e do Meio Ambiente. Sem o registro, a indústria não pode estimular a experimentação de novas moléculas, mais seguras e menos tóxicas. O que ocorre é uma falta de organização e até de vontade para resolver. As indústrias têm vários laboratórios de pesquisa, que consumiram grandes investimentos. E essas unidades estão hoje praticamente paralisadas. Não estamos conseguindo os registros para a experimentação. Uma pesquisa na área de agroquímicos leva vários anos para ser concluída e chega a custar US$ 200 milhões. E o Brasil é estratégico para o desenvolvimento tecnológico na área de agroquímicos. Aqui, por causa do clima, a pesquisa pode ser realizada durante o ano inteiro. A indústria também enfrenta problemas de registro para a exportação. Por exemplo: se um produto é registrado no Ministério da Agricultura numa concentração de 30%, e a Bolívia quer importar esse mesmo agroquímico a 35%, a empresa vai ter que registrar o produto novamente, embora ele não vai ser usado no Brasil. Só que a empresa leva um ano para concluir o registro.

Agroanalysis - *Como está o programa de descarte de embalagens de agrotóxicos?*

Simon - Muito bem. Nós iniciamos este programa em 1992, com um projeto piloto no município de Guariba, no interior paulista. O programa se ampliou nacionalmente e culminou com a formação do Inpev (Instituto Nacional de Processamento de Embalagens Vazias), que está funcionando há dois anos. Existem hoje 300 unidades de recebimento de embalagens. Os procedimentos de tríplice lavagem são hoje nacionalmente aceitos e praticados por grande parte dos agricultores. O agricultor tem sido muito receptivo. A legislação foi bem elaborada: o aplicador tem que lavar a embalagem, o dono da propriedade encaminha a embalagem vazia à revenda, que depois é recolhida pela indústria e reciclada. Este projeto serve hoje como modelo em todo o mundo. Em 2003, recolhemos algo em torno de 7 a 8 mil toneladas de embalagens. ■